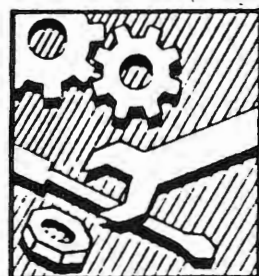
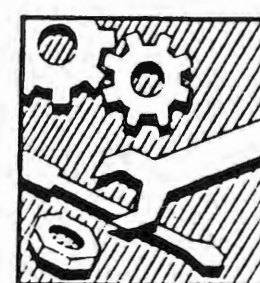
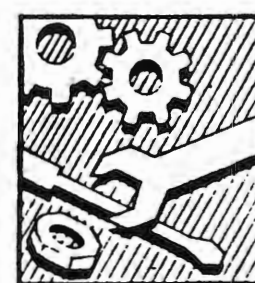


PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
PRODUÇÃO FÍSICA - BRASIL



JULHO-AGOSTO DE 1992



30/10/92

ÍNDICE

	PÁGINA
NOTAS METODOLÓGICAS	1
COMENTÁRIOS	2
ÍNDICES	10
POR GÊNERO DE INDÚSTRIA.....	11
POR CATEGORIA DE USO.....	12
POR SETOR MATRIZ.....	13
SAZONALMENTE AJUSTADO.....	15

INDICADORES DE PRODUÇÃO FÍSICA - BRASIL NOTAS METODOLÓGICAS

- 1 - Os indicadores de quantum utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal (PIM). O painel de produtos e informantes acompanhado é uma amostra intencional representativa de 50% do Valor da Produção da Pesquisa Industrial Anual de 1978, abrangendo 736 produtos e 5.000 empresas, totalizando cerca de 15.000 informações mensais, a partir de janeiro de 1981.
- 2 - A base de ponderação dos índices é fixa e tem como referência a estrutura do Valor da Transformação Industrial de 1980.
- 3 - A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de Laspeyres-base fixa em cadeia, com atualização de pesos.
- 4 - São divulgados quatro tipos de índices:
 - ÍNDICE BASE FIXA MENSAL (NÚMERO-ÍNDICE): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa (1981);

- ÍNDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;
 - ÍNDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;
 - ÍNDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior.
- OUTROS ÍNDICES (por exemplo, MÊS/MÊS ANTERIOR) podem ser obtidos pelo usuário a partir do índice Base Fixa Mensal.

- 5 - O ajuste sazonal das séries foi obtido utilizando-se o método x-11, adotado internacionalmente. O método foi aplicado aos índices de gêneros, sendo o indicador geral obtido por composição. Publica-se, a partir deste número, resultados com ajuste a nível também das Categorias de Uso.
- 6 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos à retificações nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.
- 7 - A sistemática adotada para retificação de índices, é divulgar, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano (N), o "índice Base Fixa Mensal" do ano (N-1), que passará então a ser definitivo.
- 8 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria (DEIND) - Rua Visconde de Niterói, 1246 BL. B sala 705, CEP: 20941 - Rio de Janeiro - RJ, telefone (021) 284-8840.

COMENTÁRIOS

Com a apuração dos números relativos aos meses de julho e agosto, os índices da produção industrial revelam um quadro de aprofundamento do processo recessivo no setor. Em agosto, a performance da atividade fabril apresentou-se negativa em todos os tipos de comparação: frente a agosto de 1991 registra-se queda de -13,1%; em relação ao mês de julho deste ano há uma queda de -1,8% na série livre de influência sazonal; o acumulado apresenta redução de -5,8% e o índice dos últimos doze meses recua -4,3%.

A redução no ritmo da atividade produtiva tem um perfil generalizado. No comparativo agosto 92/agosto 91 observam-se taxas negativas em todas as categorias de uso (com quedas que variam entre -25,6% em Bens de Consumo Durável e -9,2% em Bens Intermediários), e em todos os dezesseis gêneros da indústria de transformação, com destaque para material elétrico e de comunicações (-29,7%) e bebidas (-29,3%).

A série de índices com ajuste sazonal aponta queda em relação ao mês anterior pelo sexto mês consecutivo. Neste índice, a redução de -1,8% assinalada em agosto resulta de decréscimos no nível de produção em doze dos dezessete ramos pesquisados, com destaque para a indústria de material de transporte (-8,6%) e a farmacêutica (-6,6%). O patamar de produção para a indústria geral (101,38 no índice de base fixa dessazonalizado, em agosto) é o menor do ano e praticamente repete o índice registrado em dezembro passado (101,20), quando se iniciava mais uma fase recessiva no setor industrial.

O panorama observado na análise dos resultados por subsetores industriais é, igualmente, negativo e generalizado. No índice mensal de agosto 92/agosto 91, dos 49 segmentos representados, 38 ostentam desempenho negativo, sendo que 29 deles com quedas de produção que superam os -10%. Neste grupo figuram, entre outros, os seguintes subsetores: vidros e artefatos de vidro (-33,4%), receptores de TV, rádio e som (-33,2%), cerveja e chope (-33,4%) e refrigerantes (-36,9%). Os principais destaques positivos são a indústria do refino de açúcar (crescimento de 41,2% no período) e a de extração de carvão mineral (15,9%).

No âmbito das categorias de uso, os segmentos de Consumo Durável (-25,6% no mensal de agosto 92/agosto 91, e -3,8% no comparativo agosto 92/julho 92) e de Bens de Capital (-19,9% e -2,7%, respectivamente), prosseguem como os mais atingidos pela redução generalizada na atividade fabril. Em termos acumulados, ambos apresentam redução na faixa dos -13,0% no período janeiro-agosto. A produção de Bens Intermediários, que fechou o primeiro semestre como a única a ostentar taxa positiva, chega a agosto com queda de -2,0% no índice acumulado, constituindo-se, ainda assim, no segmento

de melhor desempenho este ano.

Em síntese, os resultados para os meses julho e agosto sugerem que o aprofundamento da queda no ritmo da atividade industrial, pelo seu caráter generalizado, seja reflexo da instabilidade do quadro político. Provavelmente, as empresas (industriais e comerciais) adiaram suas decisões de produção e de encomendas, até que houvesse uma definição mais clara sobre a situação política do país. No entanto, é de se supor que esse agravamento da crise seja fruto, simplesmente, de um momento atípico, devendo ser atenuado nos índices dos próximos meses, com a definição do quadro político em outubro.

TABELA 1
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
SEGUNDO CATEGORIAS DE USO - AGOSTO 92

SEGMENTOS	VARIÇÃO (%)			
	MÊS/MÊS *	MENSAL	ACUMULADO JAN - AGO	ACUMULADO 12 MESES
BENS DE CAPITAL	-2,7	-19,9	-13,1	-11,9
BENS INTERMEDIÁRIOS	-1,2	-9,2	-2,0	-1,2
BENS DE CONSUMO	-1,2	-17,2	-9,4	-7,2
CONSUMO DURÁVEL	-3,8	-25,6	-13,5	-8,2
CONSUMO NÃO DURÁVEL	-0,9	-14,9	-8,4	-7,0
INDÚSTRIA GERAL	-1,8	-13,1	-5,8	-4,3

FONTE: IBGE/ DPE/ DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA
(*) COM AJUSTE SAZONAL

DESEMPENHO SETORIAL: 1990-92

A política macroeconômica fortemente contracionista conduzida a partir de março de 1990, refletiu negativamente nas atividades de todos os setores da economia nacional, sendo seus efeitos mais intensos, entretanto, sobre o setor industrial, como revelam os dados do comportamento do Produto Interno Bruto (PIB)⁽¹⁾. A política de ajustamento, que continua como proposição básica o combate ao processo inflacionário, se consubstanciava principalmente na austeridade das políticas fiscal, monetária e de rendas, gerando com isso significativo impacto sobre os níveis de produção, emprego e rendimento. Como exemplo, a taxa de desemprego aberto saltou de um patamar médio de 3,4% verificado no ano de 1989 para uma média de 5,1% no período março 90-junho 92, o que significa um acréscimo de mais de 50%. Da mesma forma, o rendimento médio real regrediu em -36,5%, para os trabalhadores com carteira assinada, e em -41,0% para os sem carteira, entre fevereiro de 1990 (mês imediatamente anterior à aplicação das medidas) e julho de 1992. Ressentindo-se do forte recuo nos níveis de consumo, a produção industrial, por sua vez, assinala nos anos de 1990 e 1991 e primeiro semestre de 1992 resultados que vão expressar uma queda acumulada no período da ordem de -12,3%⁽²⁾. Neste contexto, foi justamente o mais completo parque fabril do país (São Paulo) que mais se retraiu, com variação acumulada de -16,0% (tabela 1), enquanto que o melhor resultado relativo coube a Minas Gerais, que recuou apenas -2,8%. Com performance ainda acima da média nacional (-12,3%) figuram a região Sul (-7,5%), Rio de Janeiro (-10,0%) e região Nordeste (-11,8%).

Procedendo-se a análise do comportamento dos oito principais gêneros industriais, que em 1985 totalizavam mais de 70% do Valor da Transformação Industrial do país (tabela 2), verifica-se que o impacto do quadro macroeconômico sobre eles foi diferenciado em função das próprias especificidades estruturais e regionais dos mesmos.

QUÍMICA

A análise setorial inicia-se pelo subsetor de maior peso na estrutura produtiva do país, o químico, cuja variação global acumulada no primeiro triênio dos anos 90 foi de -3,6%. O melhor desempenho do segmento deu-se justamente nos locais onde é bastante elevada a participação dos derivados do petróleo, como no Rio de Janeiro e Minas Gerais, com crescimento no período de 6,5% e 8,8%, respectivamente, ficando a região Nordeste, neste caso, como exceção, ao retrair-se em -10,7%, provavelmente pela elevada importância do óleo diesel, cuja produção está bastante atrelada ao comportamento da atividade econômica em geral. Em São Paulo e na região Sul, onde o gênero conta com significativa participação de produtos derivados do processamento de matérias primas agrícolas,

o desempenho também foi negativo: -3,5% e -10,0%, respectivamente. Na região Sul, por exemplo, farelo de soja e óleo bruto de soja, itens de expressiva importância na química local, reduziram sua produção no triênio 90/92 em cerca de -30%, sendo isto muito provavelmente o que fez com que a trajetória do setor na região ficasse bem abaixo daquela obtida no Rio de Janeiro (gráfico 1). Já em São Paulo, a queda na produção de álcool no período (-8,0%) teve influência decisiva na performance negativa do gênero no estado.

METALÚRGICA

A produção brasileira de produtos metalúrgicos acumulou um declínio de 1990 até o primeiro semestre deste ano de -10,9%, verificando-se resultados negativos em quatro das cinco principais regiões industriais do país. A maior queda ocorreu em São Paulo (-20,4%) e o único desempenho favorável no Rio de Janeiro (7,6%), com os outros locais obtendo os seguintes resultados: região Sul (-16,2%), Minas Gerais (-7,6%) e região Nordeste (-3,8%). Observa-se, aqui também, que as diferenças de performance são fruto basicamente das especificidades regionais do subsetor. A forte redução em São Paulo e na região Sul, onde a produção de ferro e aço fundido em formas e peças causou expressivo impacto negativo, pode ser atribuída ao fato de boa parte do gênero estar, nestas áreas, vinculado às atividades da mecânica pesada, um dos segmentos mais atingidos pela retração econômica do período em análise. Em Minas Gerais, o principal responsável pela retração do setor foi ferro-gusa, cuja produção no estado é, em boa parte, destinada ao mercado externo, com comportamento desfavorável a ponto de provocar uma queda de -22,1% no valor das exportações do produto no período em análise. Já o grande responsável pelo crescimento da produção metalúrgica no Rio de Janeiro foi o item folhas-de-flandres, o qual tem este Estado como o único produtor nacional, sendo, ainda, sua produção destinada eminentemente ao mercado interno, fato que, de resto, caracteriza quase toda a produção metalúrgica fluminense. Mesmo com tendências muito próximas, as curvas relativas ao desempenho do setor em Minas Gerais e no Rio de Janeiro (gráfico 2), indicam divergência em termos de graus de inclinação, sugerindo que tal fato seja decorrência basicamente do grau diferenciado de abertura externa do gênero nestes dois Estados.

PRODUTOS ALIMENTARES

Este é um dos poucos gêneros que apresentaram resultados positivos no período em análise, com crescimento acumulado de 3,3% de 1990 ao 1º semestre deste ano. Mesmo assim, quatro das cinco principais áreas industriais assinalaram resultados negativos: São Paulo (-2,3%), Rio de Janeiro (-3,9%), Minas Gerais (-0,5%) e região Nordeste (-1,8%). O único desempenho positivo ocorreu na região Sul (13,8%), jus-

tamente onde o gênero tem forte participação dos produtos da agroindústria, sendo que alguns destes têm ainda grande parte da sua produção destinada ao mercado externo, como são os exemplos de café solúvel e aves abatidas. Este último, em função, basicamente, da ótima performance de suas exportações no triênio 1990/92, foi o maior responsável pelo crescimento de produtos alimentares no local. O subsetor de usinas de açúcar teve papel destacado no resultado favorável do gênero a nível nacional, com crescimento no período da ordem de 7,5%, mesmo tendo assinalado queda na região Nordeste, onde conta com elevada participação (25% do valor gerado do gênero). O maior impacto positivo do subsetor açucareiro ocorreu em Minas Gerais e São Paulo, sendo que o decréscimo de produtos alimentares em Minas Gerais certamente teve a influência do comportamento declinante do ramo de laticínios, que no Estado responde por cerca de 25% do Valor da Transformação do gênero. Já em São Paulo foi significativa a participação negativa do ramo de refino de óleos e gorduras para alimentação, com recuo de -29,6% no triênio 1990/92. Porém, o brusco movimento descendente na tendência do setor no Estado, no período outubro 90-fevereiro 91 (gráfico 3) foi determinado pela acentuada queda na produção de suco e concentrado de laranja. Não só este fato, como também as próprias características regionais do gênero (muito mais concentrado em Minas Gerais do que em São Paulo) explicam a diferença de trajetória do mesmo nesses dois estados, como pode ser visto no já citado gráfico 3.

EXTRATIVA MINERAL

Com crescimento acumulado de 1,3% no período de 1990 até o primeiro semestre de 1992, o setor extrativo mineral vem tendo seu comportamento basicamente determinado pela performance do segmento de extração de petróleo e gás natural, que responde por cerca de 65% do valor da extração de minerais do país. No Rio de Janeiro, onde o gênero alcançou o melhor desempenho (9,8% de crescimento), a participação do petróleo em bruto e gás natural chega a 99%, sendo também elevada a representatividade dos mesmos na região Nordeste, atingindo cerca de 88% do gênero que, no entanto, registrou declínio de -2,0%. Neste sentido, a extrativa mineral dessas duas regiões difere estruturalmente bastante da de Minas Gerais, onde o ramo de extração de minerais metálicos, cujo principal produto é o minério de ferro, responde por cerca de 60% do valor da produção do gênero que, neste estado, cresceu 0,8% no período em análise. O pior desempenho do setor coube à região Sul (-12,3%), fato que tem relação com o resultado desfavorável da indústria carbonífera que representa cerca de 70% do Valor de Transformação industrial da extração de minerais na região. O gráfico 4 mostra o comportamento do setor extrativo em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, indicando que além do acentuado descolamento entre os índices de desempenho existe também divergência de trajetória em boa parte do período considerado, sendo isto conseqüência do comportamento

divergente entre as produções de petróleo e minério de ferro.

MECÂNICA

Afetado pela forte retração dos investimentos produtivos, o setor mecânico foi um dos que mais se contraíram nos últimos anos, assinalando uma redução acumulada de -32,3%. Em termos regionais, o gênero é investigado apenas em São Paulo, onde apresentou declínio de -35,1%, e na região Sul, com queda de -24,3%. Nestas duas regiões o setor apresenta-se com características específicas, sendo no Sul relativamente mais atrelado às atividades da agropecuária, tendo ainda significativa importância a fabricação de refrigeradores domésticos, enquanto em São Paulo responde por uma produção mais diversificada. O grupamento com menor redução no período foi o de equipamento para escritório e uso doméstico (-9,5%), cujos produtos mais representativos são refrigeradores domésticos, máquinas de costura e compressores para refrigeradores, sendo que este último, que tem participação relativa bem maior na mecânica do Sul do que na de São Paulo, destacou-se com o melhor resultado, acumulando um crescimento de 14,4% nos últimos dois anos e meio, sendo este um dos fatores a contribuir para que o gênero regresse menos na região Sul do que em São Paulo (gráfico 5). Já a pior performance coube ao segmento de tratores e máquinas rodoviárias (-62,9%), em função, certamente, da sua estreita relação com os investimentos públicos na área da construção pesada. Completando o quadro de resultados dos subsetores da mecânica, tem-se que "motores e bombas" e "máquinas agrícolas" recuaram, respectivamente, -16,9% e -35,8%.

MATERIAL ELÉTRICO E DE COMUNICAÇÕES

Com redução acumulada de -27,0% no triênio 1990/92, o setor de material elétrico e de comunicações insere-se, também, dentre aqueles que mais se retraíram no período, destacando-se em termos de resultado negativo nas regiões onde tem maior importância relativa os ramos relacionados à produção de Bens de Capital e Bens de Consumo Durável, como são os casos respectivamente do Rio de Janeiro e de São Paulo. O comportamento do setor nesses dois estados está indicado no gráfico 6. No Rio de Janeiro, o gênero reduziu-se em -47,9% em conseqüência, basicamente, da má performance do segmento de aparelhos e equipamentos de telefonia, que representa cerca de um terço do Valor de Transformação do setor. Já em São Paulo, cuja redução atingiu a taxa de -24,0%, o principal impacto negativo deveu-se ao ramo de TV, rádio e som, com queda acumulada no período de cerca de -32,0%, que tem o Estado como principal produtor depois da Zona Franca de Manaus. Os melhores resultados relativos do setor ocorreram na região Sul (-1,8%) e em Minas Gerais (-6,4%), locais em que o ramo de material elétrico básico, principalmente aquele destinado à transmissão de energia elétrica tem significativa partici-

pação. Em Minas Gerais, por exemplo, cerca de 45% do VTI do gênero diz respeito ao ramo de equipamentos e material para produção e distribuição de energia elétrica, com destaque para a produção de condutores elétricos que, embora tendo apresentado resultado negativo no período, teve queda bem menor do que a da produção nacional do setor. Na região Sul, onde tem peso menor do que em Minas Gerais, tal segmento também não despontou em termos de contribuição efetiva para o resultado mais favorável do gênero, fato que no local coube a aparelhos receptores de rádio e caixas acústicas. Finalmente, na região Nordeste o setor de material elétrico e de comunicações retraiu-se em -18,8%, sendo tal performance creditada ao declínio na produção de pilhas secas, justamente o produto de maior peso no valor da produção do gênero no local.

MATERIAL DE TRANSPORTE

Com redução acumulada de -11,6% no triênio 1990/92, o gênero de material de transporte conseguiu somente um resultado um pouco melhor do que a performance média do setor industrial como um todo, que se reduziu em -12,3%. A nível regional, onde tem representatividade apenas nas três principais áreas industriais do país, o pior desempenho do gênero deu-se no Rio de Janeiro, com queda de -20,3%, sendo neste Estado praticamente representado pela indústria naval, segmento que vem passando já há algum tempo por sérias dificuldades provocadas pelo desaquecimento dos investimentos no âmbito das empresas estatais, seu principal demandante. Mesmo em São Paulo, onde o setor é basicamente representado pelo seu ramo mais dinâmico, o automobilístico, o desempenho deixou a desejar, com uma variação acumulada de -15,3%, devido essencialmente ao declínio da produção de caminhões e ônibus, tendo ainda reduzido impacto positivo a produção de automóveis para passageiros (3,5%) que, no entanto, obteve ótimo resultado em Minas Gerais - onde também prevalece a importância do subsetor automobilístico -, com crescimento de 74,1%, fato que resultou numa expansão de 34,7% do gênero no local. A diferença de performance nestes dois estados não pode ser creditada apenas aos resultados da produção de automóveis, favorecida em Minas principalmente pelo bom desempenho das exportações, mas também ao fato do setor contar, em São Paulo, com maior participação relativa no que diz respeito aos ramos produtores de auto-peças e de bens de investimento (ônibus e caminhões). O gráfico 7 mostra que a trajetória das atividades no gênero de material de transportes nos últimos 30 meses foi sempre desfavorável a São Paulo vis-a-vis Minas Gerais.

VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTEFATOS DE TECIDOS

Dos dezessete gêneros pesquisados da indústria nacional, este foi o que acumulou a maior redução no período 1990/92 (-38,5%), sendo que a principal queda foi estabeleci-

da no Nordeste (-51,8%), seguido por São Paulo (-48,1%), Minas Gerais (-41,4%), região Sul (-28,5%) e Rio de Janeiro (-16,0%). A nível nacional, o produto de maior impacto negativo foi calças compridas para homens, com decréscimo acumulado de -56,8%; sendo este também o principal item responsável pelo declínio do gênero no Nordeste, Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo ocorrendo retração em todos os locais analisados, há que se acentuar as expressivas diferenças nas taxas regionais de variação, ressaltando-se as observadas no Nordeste (-51,8%) e São Paulo (-48,1%) vis-a-vis as do Rio de Janeiro (-16,0%) e região Sul (-28,5%). O resultado negativo da região Sul deveu-se a má performance do segmento produtor de calçados de couro, de forte presença no local, que, no entanto, registrou desempenho relativamente mais favorável do que o restante do setor, em função do seu maior vínculo com o mercado externo. Finalmente, o fator que concedeu ao Rio de Janeiro a menor variação negativa do gênero foi, muito provavelmente, o desempenho do ramo de "lingerie", de significativa importância no Estado e que tem na política de diferenciação de produtos uma das principais armas para amenizar as dificuldades de mercado. Em decorrência justamente dessas especificidades, Região Sul e Rio de Janeiro vão assinalar trajetórias bastante distintas no que diz respeito ao comportamento do setor de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, como apontado no gráfico 8.

⁽¹⁾ Veja análise dos resultados do PIB trimestral, do quarto trimestre de 1990 e 1991 e segundo trimestre de 1992 produzida pelo Departamento de Contas Nacionais (DECNA) do IBGE.

⁽²⁾ Esta taxa é o resultado do encadeamento dos índices acumulados de 1990, 1991 e 1º semestre de 1992, que têm como base de comparação o mesmo período do ano anterior.

TABELA 1
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
DESEMPENHO ACUMULADO : 1990/92*

GÊNEROS	BRASIL	SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	MINAS GERAIS	REGIÃO SUL	REGIÃO NORDESTE
EXTRATIVA MINERAL	101,3	-	109,8	100,8	87,7	98,0
MINER. NÃO METÁLICOS	86,7	86,7	84,0	87,1	86,8	85,0
METALÚRGICA	89,1	79,8	107,6	92,4	83,8	96,2
MECÂNICA	87,7	64,9	-	-	75,7	-
MAT. ELÉTRICO e COM.	73,0	76,0	52,1	93,6	98,2	81,2
MAT. TRANSPORTE	88,4	84,7	79,7	134,7	-	-
PAPEL e PAPELÃO	99,9	94,4	84,0	98,6	99,3	83,3
BORRACHA	106,9	113,9	-	-	-	92,9
QUÍMICA	96,4	96,5	106,5	108,8	90,0	89,3
FARMACÊUTICA	87,8	92,2	75,8	-	-	-
PERF. SABÕES e VELAS	98,3	101,4	72,0	-	100,1	79,5
PROD. MAT. PLÁSTICAS	74,1	70,0	62,3	51,2	90,9	87,9
TÊXTIL	80,7	78,4	81,8	77,4	90,9	79,1
VEST. CALÇ. ART. TEC	61,5	51,9	84,0	58,6	71,5	48,2
PRODUTOS ALIMENTARES	103,3	97,7	96,1	99,5	113,8	98,2
BEBIDAS	96,1	99,0	86,1	94,3	110,4	78,6
FUMO	108,0	78,7	101,6	95,2	117,7	82,5
INDÚSTRIA GERAL	87,7	84,0	90,0	97,2	92,5	88,2

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA
 (*) PARA O ANO DE 1992 FOI CONSIDERADO O RESULTADO DA RELAÇÃO JAN-JUN 92 / JAN-JUN 91

TABELA 2
ESTRUTURA INDUSTRIAL DAS PRINCIPAIS REGIÕES DO PAÍS, SEGUNDO O VTI* DE 1985

GÊNEROS	BRASIL	SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	MINAS GERAIS	REGIÃO SUL	REGIÃO NORDESTE
INDÚSTRIA GERAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
EXTRATIVA MINERAL (**)	8,78	0,12	35,05	9,11	1,30	21,32
MINER. NÃO METÁLICOS	3,92	3,52	2,00	6,20	3,90	4,43
METALÚRGICA	11,15	11,00	10,30	29,90	6,31	6,05
MECÂNICA	8,39	11,44	4,12	5,97	9,15	2,94
MAT. ELÉTRICO e COM.	6,90	9,32	3,76	2,10	4,21	2,76
MAT. TRANSPORTE	5,86	8,86	3,91	5,06	3,12	0,74
MADEIRA	1,44	0,57	0,16	0,46	4,26	0,77
MOBILIÁRIO	1,31	1,25	0,58	0,91	2,76	0,85
PAPEL e PAPELÃO	2,68	3,25	1,03	1,77	3,89	0,93
BORRACHA	1,68	2,65	0,74	0,36	1,33	0,33
COUROS e PELES	0,55	0,30	0,18	0,38	1,77	0,66
QUÍMICA	15,81	17,17	14,12	12,91	12,93	24,29
FARMACÊUTICA	1,54	2,11	3,20	0,32	0,29	0,30
PERF. SABÕES e VELAS	0,81	1,15	0,91	0,20	0,38	0,64
PROD. MAT. PLÁSTICAS	2,04	2,46	2,00	0,93	2,32	1,31
TÊXTIL	5,43	5,73	2,92	6,64	5,02	8,23
VEST. CALÇ. ART. TEC	4,72	4,04	3,09	3,29	10,21	4,79
PRODUTOS ALIMENTARES	10,96	8,64	4,96	9,37	19,97	15,24
BEBIDAS	1,13	0,92	0,72	0,76	1,81	1,39
FUMO	0,69	0,11	0,32	1,34	2,51	0,68
EDITORIAL E GRÁFICA	1,77	1,92	3,43	0,93	0,97	1,01
DIVERSAS	2,44	3,47	2,50	1,09	1,59	0,34

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA - CENSO INDUSTRIAL DE 1985

(*) VTI= VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL

(**)CONTÉM A REGIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL QUE FOI PUBLICADA APENAS NO TOTAL BRASIL

GRÁFICO 1
Química - Rio de Janeiro X Região Sul
Índice Acumulado nos últimos 12 meses
(BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)

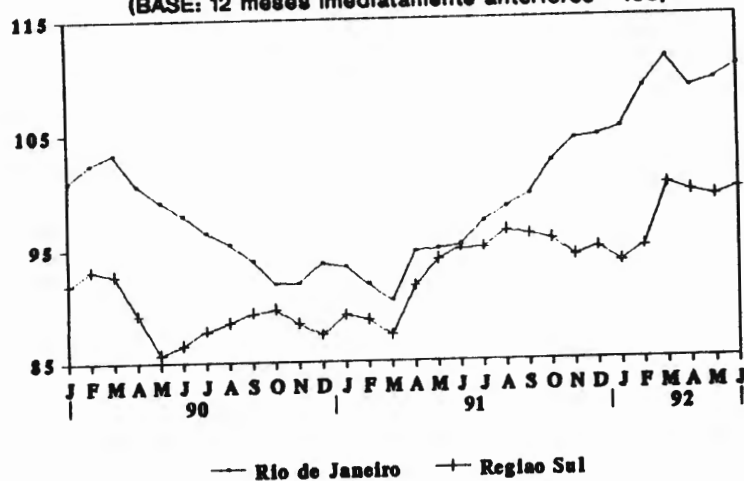


GRÁFICO 2
Metalúrgica - RJ X MG
Índice acumulado nos últimos 12 meses
(BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)

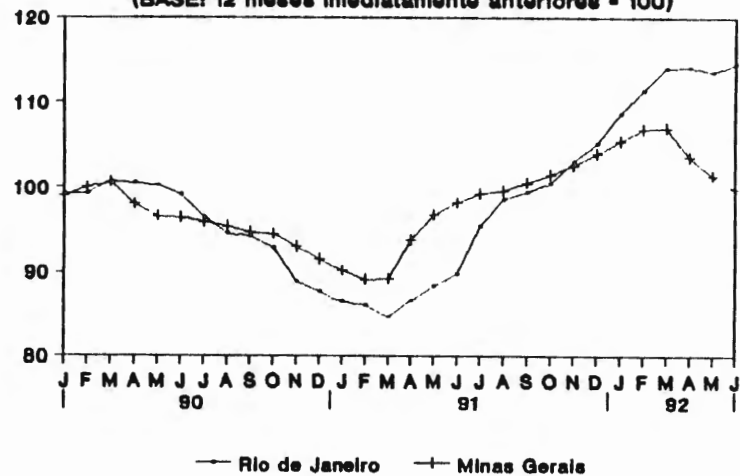


GRÁFICO 3
Prod. Alimentares - SP X MG
Índice Acumulado nos últimos 12 meses
(BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)

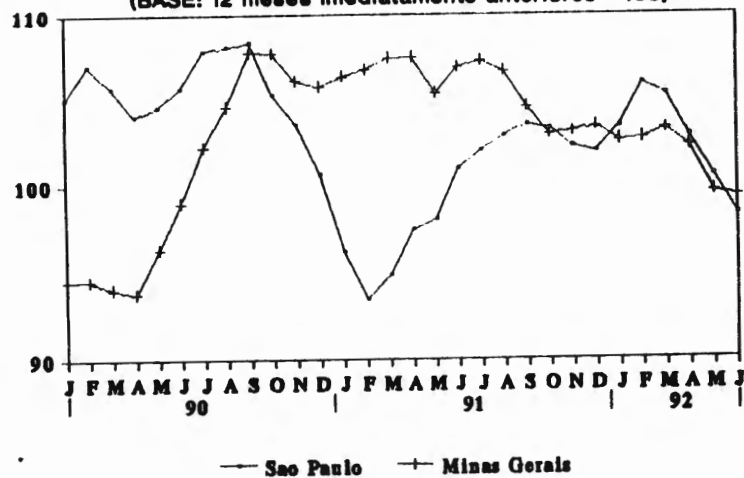


GRÁFICO 4
Extrativa Mineral - RJ X MG
Índice Acumulado nos últimos 12 meses
(BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)

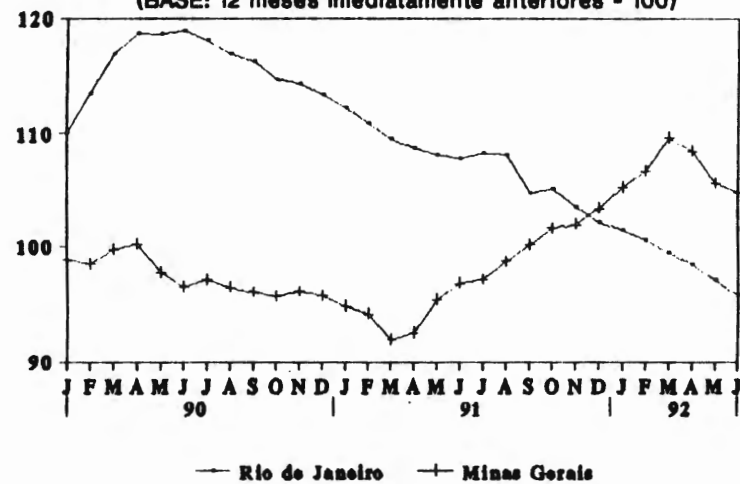


GRÁFICO 5
Mecânica - Sao Paulo X Região Sul
Índice Acumulado nos últimos 12 meses
 (BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)

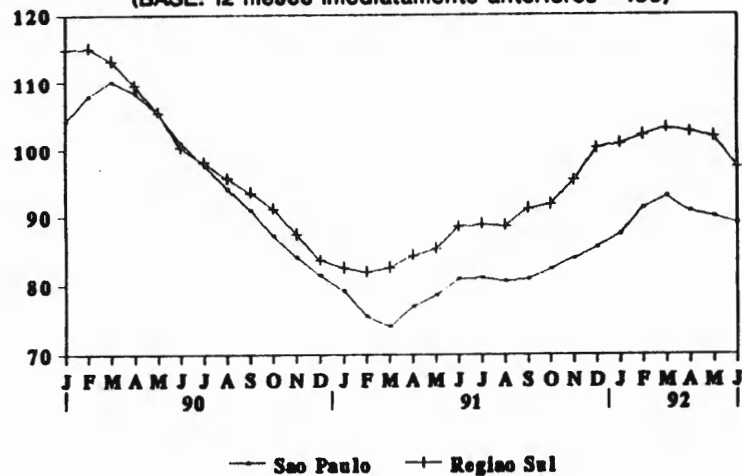


GRÁFICO 6
Material Elétrico - RJ X SP
Índice Acumulado nos últimos 12 meses
 (BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)



GRÁFICO 7
Material de Transporte - SP X MG
Índice Acumulado no últimos 12 meses
 (BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)

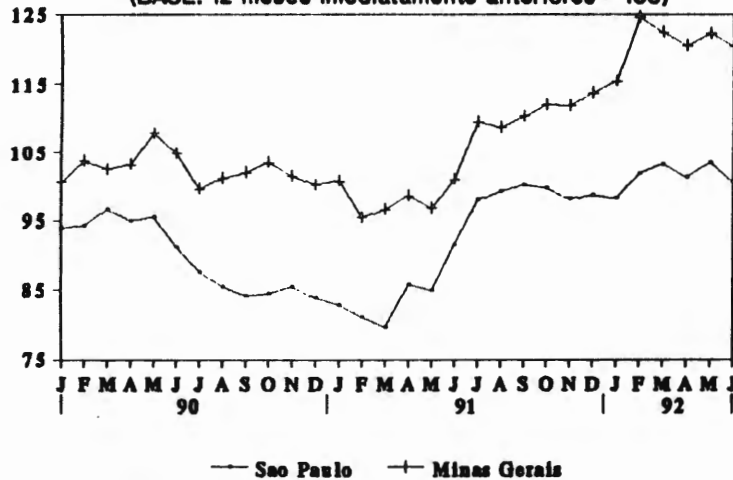
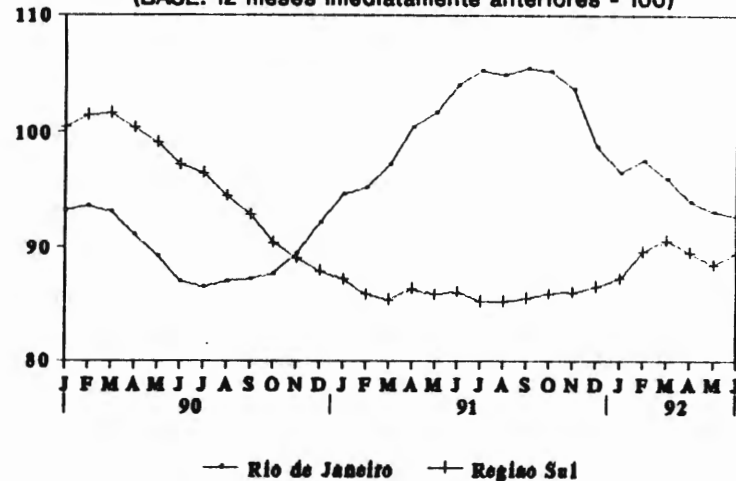


GRÁFICO 8
Vestuário - Rio de Janeiro X Sul
Índice Acumulado nos últimos 12 meses
 (BASE: 12 meses imediatamente anteriores = 100)



Fonte: IBGE/DPE/DEIND

Fonte: IBGE/DPE/DEIND

(1)
 COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDUSTRIA GERAL - BRASIL
 (INDICADOR ACUMULADO SEGUNDO OS GENEROS DA INDUSTRIA)
 JANEIRO - AGOSTO 1992

G E N E R O S	COMPOSIÇÃO DA TAXA	P R O D U T O S R E S P O N S A V E I S (*)
EXTRATIVA MINERAL	- 0,08	PETROLEO EM BRUTO AMIANTO OU ASBESTO EM BRUTO
MIN. NÃO METALICOS	- 0,42	CIMENTO COMUM CHAPAS OU TELHAS, LISAS OU CORRUGADAS DE FIBROCIMENTO
METALURGICA	- 0,07	ARAME DE AÇO COMUM FOGÕES E FORNOS NÃO-ELETRICOS
MECANICA	- 0,87	REFRIGERADORES DOMESTICOS, ELETRICOS COMPRESSORES DE AR - EXCL. PORTAT. NÃO EQUIP. C/MOTORES ELET.
MAT. ELETRICO E COM.	- 1,73	APARELHOS RECEPTORES DE TELEVISÃO, A CORES APAR. DE SOM CONJUGADOS - EXCL. PORTATEIS E P/AUTOMOVEIS
MAT. TRANSPORTE	- 0,01	CAMINHÕES DE MENOS DE 20 T DE CMT CAMINHÕES DE 20 T DE CMT E MAIS
PAPEL E PAPELÃO	- 0,09	PAPEL OFSETE CAIXAS DE PAPELÃO CORRUGADO
BORRACHA	0,07	PNEUMATICOS P/AUTOMOVEIS PNEUMATICOS P/CAMINHÕES E ONIBUS
QUIMICA	- 0,41	ALCOOL ANIDRO FERTILIZANTES COMPOSTOS NPK
FARMACEUTICA	- 0,20	ANTIBIOTICOS - INCL. TRIMETOPRIM ANTIACIDOS, ANTIFISÉTICOS E ANTIULCEROSOS
PERF. SABÕES, VELAS	- 0,07	SABÕES E CREMES P/LAVAR E ENXAGUAR CABELOS AGUAS-DE-COLONIA, EXTRATOS E SEMELH. - EXCL. LOÇÕES P/BARBA
PROD. MAT. PLASTICAS	- 0,39	ARTIG. DE MATL. PLASTICO P/MESA, COPA E OUT. USOS DOMESTICOS SACOS E SACOLAS DE MATL. PLASTICO
TEXTIL	- 0,45	TECIDOS ACABADOS OU BENEFICIADOS, ARTIFICIAIS OU SINTETICOS FIOS ACABADOS OU BENEFICIADOS, DE FIBRAS SINTETICAS
VEST. CALÇ. ART. TEC.	- 0,58	CALÇAS COMPRIDAS DE TECIDOS - INCL. TEC. DE MALHA TENIS OU QUEDIS
PROD. ALIMENTARES	- 0,26	CARNE DE BOVINO, VERDE BALAS, CONFEITOS E SEMELHANTES
BEBIDAS	- 0,34	CERVEJAS - INCL. CHOPE REFRIGERANTES
FUMO	0,11	FUMO EM FOLHA BENEFICIADO (SECO OU DEFUMADO)
INDUSTRIA GERAL	- 5,79	

IBGE

29/10/92 PAG 10

(1) $C = (I - 100) \cdot K$, ONDE: C = PARTICIPAÇÃO DO GENERO NA FORMAÇÃO DO TOTAL DA TAXA DE CRESCIMENTO, $I = \frac{G}{G}$ INDICADOR DO GENERO E K = PESO DO GENERO NO TOTAL DA INDUSTRIA GERAL

(*) FORAM DESTACADOS EM CADA GENERO, OS DOIS PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS PELO INDICADOR

1992

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA GERAL	110,06	116,40	115,05	92,78	88,63	86,94	96,96	95,49	94,21	98,50	96,94	95,70
EXTRATIVA MINERAL	191,85	200,54	202,78	94,62	97,16	100,17	98,35	98,17	98,43	98,25	97,56	97,53
IND. TRANSFORMAÇÃO	107,59	113,86	112,40	92,69	88,22	86,32	96,88	95,34	93,97	98,51	96,91	95,60
MIN. NÃO METALICOS	85,16	90,44	93,13	85,13	83,26	83,60	95,89	93,71	92,19	100,68	98,86	97,04
METALURGICA	116,26	119,74	120,01	99,58	93,23	91,55	102,32	100,81	99,46	102,73	101,59	100,54
METALURGICA BASICA	118,16	123,00	124,68	100,88	98,27	96,17	102,12	101,51	100,75	101,50	100,94	100,26
OUTROS PROD. METALUR	113,21	114,53	112,55	97,48	85,69	84,37	102,67	99,63	97,32	104,82	102,69	101,02
MECANICA	73,99	76,72	77,56	80,62	78,95	82,59	93,13	90,71	89,56	90,07	89,57	90,52
MAT. ELETRICO E COM	100,83	105,04	108,22	75,96	69,09	70,26	81,12	78,88	77,51	90,45	86,44	83,27
MAT. TRANSPORTE	106,07	108,10	98,17	102,90	91,71	85,64	104,95	102,44	99,83	104,13	100,29	99,08
AUTOVEICULOS	122,11	122,97	112,33	103,72	90,84	86,94	107,12	103,94	101,26	104,46	99,82	99,07
OUTROS PROD. TRANSP.	74,41	78,74	70,24	100,33	94,51	81,76	98,99	98,22	95,73	103,14	101,74	99,12
PAPEL E PAPELÃO	141,33	147,71	142,49	92,86	92,59	88,82	100,83	99,51	98,03	103,54	102,52	101,25
BORRACHA	142,01	136,26	140,79	99,48	85,82	90,27	111,34	106,67	104,17	107,01	104,79	103,61
QUIMICA	132,13	146,26	144,53	95,41	93,72	89,90	100,60	99,24	97,66	102,43	101,14	99,12
PETROQ. REF/DEST. CAR	115,85	118,29	109,95	103,05	92,09	81,81	107,65	105,07	101,62	103,06	102,08	99,97
OUTROS PROD. QUIM.	142,82	164,63	167,24	91,78	94,50	93,92	95,83	95,54	95,25	102,05	100,58	98,62
FARMACEUTICA	105,32	112,40	98,65	92,19	79,40	73,98	94,60	91,73	89,06	96,91	93,84	91,31
PERF. SABÕES, VELAS	154,04	159,36	158,53	87,57	82,95	88,70	98,92	96,34	95,34	99,82	98,19	97,22
PROD. MAT. PLASTICAS	106,33	110,93	110,36	84,56	81,64	80,73	88,74	87,55	86,56	91,84	90,49	89,33
TEXTIL	93,12	97,48	96,27	91,47	87,12	85,64	95,29	93,91	92,71	94,35	93,26	92,39
VEST. CALÇ. ART. TEC.	58,06	64,73	62,22	82,66	81,98	78,38	82,94	82,77	82,12	84,05	83,38	82,66
PROD. ALIMENTARES	120,63	135,83	137,79	102,21	98,34	95,52	97,98	98,04	97,63	100,72	99,58	98,48
BEBIDAS	128,35	120,31	115,99	78,87	73,14	70,73	85,23	83,38	81,70	95,70	91,98	88,44
FUMO	182,48	137,71	92,01	135,82	124,84	96,55	107,89	109,43	108,49	103,61	106,03	105,76



1992

PONDERAÇÃO CI-80

C A T E G O R I A S D E U S O	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
BENS DE CAPITAL	72,75	74,02	70,41	85,19	79,61	80,06	89,75	87,98	86,86	90,42	88,29	88,14
BENS INTERMEDIARIOS	124,30	129,85	128,12	96,62	92,80	90,77	100,57	99,24	98,00	101,21	100,05	98,84
BENS DE CONSUMO	107,66	116,30	114,67	90,23	85,77	82,82	93,32	91,97	90,56	96,62	94,56	92,78
CONS. DURAVEL	125,21	128,53	125,66	84,86	76,79	74,40	91,83	88,91	86,53	99,90	94,97	91,78
CONS. NÃO DURAVEL	104,00	113,74	112,37	91,69	88,21	85,07	93,68	92,72	91,56	95,83	94,46	93,03

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

29/10/92 PAG 12



1992

PONDERAÇÃO CI-80

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS 1975	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
EXT.MIN. METALICOS	124,60	125,01	124,09	97,39	93,61	98,91	98,67	97,89	98,02	100,56	99,59	98,98
EXT.PETROLEO E GAS NAT	281,35	295,96	296,94	95,31	98,97	100,25	99,60	99,51	99,60	98,34	97,80	97,62
EXT.CARVÃO MINERAL	77,05	93,00	78,46	89,92	125,78	115,91	102,46	105,79	106,97	94,62	94,91	98,58
CIMENTO	78,74	87,86	95,05	75,36	82,19	86,05	88,91	87,81	87,56	96,48	94,54	92,61
VIDRO E ART.DE VIDRO	75,33	87,21	90,72	61,92	66,85	66,53	77,48	75,69	74,31	93,63	89,19	84,79
ART.CIMENTO E CONCRETO	78,47	84,66	80,56	81,29	76,24	71,17	89,48	87,18	84,78	96,76	94,76	92,12
TIJOLOS E ART.DE BARRO	104,55	103,06	104,25	111,39	100,51	99,55	127,06	121,84	118,11	116,55	117,48	118,82
GUSA	182,99	186,36	192,54	113,57	107,90	104,26	105,68	105,99	105,76	110,16	109,41	107,12
AÇO,FERRO-LIG.FORM.PRI	157,15	165,05	169,94	111,55	111,35	108,01	105,66	106,46	106,66	107,89	107,74	106,86
LAMINADOS DE AÇO	122,04	122,42	129,11	108,01	104,81	105,62	109,09	108,44	108,05	104,96	105,06	105,55
FUNDIDOS E FORJ.DE AÇO	91,60	97,65	93,03	101,05	95,02	88,02	96,20	96,00	94,80	89,84	90,14	90,15
TREFILADOS	97,05	106,25	106,51	83,77	81,34	81,28	94,24	91,80	90,12	99,27	97,22	95,46
MOTORES E BOMBAS	69,20	76,80	71,04	99,35	79,99	73,79	106,72	101,13	96,39	90,93	91,20	92,10
MAQUINAS AGRICOLAS	56,82	66,86	54,64	76,90	91,53	85,15	113,40	109,96	106,95	99,52	101,91	105,24
TRATORES E MAQ.RODOV.	49,45	52,04	49,75	60,57	76,85	100,21	73,60	74,17	77,16	58,75	61,42	69,41
EQ.P/ESCRIT.E USO DOM.	125,45	112,90	146,43	74,50	60,26	80,02	89,89	84,94	84,25	94,89	90,46	88,85
EQ.P/ENERGIA ELETRICA	78,05	83,34	80,64	85,53	77,35	86,81	93,68	90,83	90,30	84,38	83,98	85,81
CONDUTORES ELETRICOS	87,26	92,18	92,25	88,70	79,98	74,28	114,58	107,38	101,32	114,64	110,34	105,54
MAT.ELET.-EXCL.P/VEIC.	130,60	130,23	127,57	98,00	82,76	82,05	98,36	95,57	93,53	101,67	99,66	98,04
MAT.ELET.P/VEICULOS	101,61	113,60	107,76	87,08	86,12	79,42	89,02	88,52	87,15	88,96	88,26	86,77
MOTORES E APAR.ELET.	89,63	94,33	92,96	76,54	68,74	61,90	96,67	91,53	86,56	96,42	93,75	90,89
RECEPT. TV,RADIO E SOM	124,30	129,86	143,84	67,39	62,74	66,80	66,06	65,43	65,65	86,64	80,87	76,18
AUTOMOV.E CAMIONETAS	156,72	150,54	134,60	113,47	96,99	89,53	123,81	118,43	113,72	117,56	111,96	111,08
CAMINHÕES E ONIBUS	88,04	97,27	89,22	83,84	83,54	80,56	86,45	85,91	85,10	92,62	87,60	85,79
MOTORES E AUTOPEÇAS	119,15	118,74	113,42	110,20	89,56	91,90	106,09	102,91	101,23	98,73	96,26	97,15

1992

PONDERAÇÃO CI-80

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS 1975	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	JUL	AGO	JUN	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	ATE JUN	ATE JUL	ATE AGO
INDUSTRIA NAVAL	45,57	43,81	35,77	107,31	95,22	79,50	109,53	107,05	103,06	134,00	125,90	116,13
CELULOSE E PAST.MECAN.	150,31	167,88	166,53	94,48	102,80	104,78	108,74	107,80	107,40	112,11	111,23	110,65
PAPEL E PAPELÃO	160,00	166,76	157,24	92,77	96,04	90,01	98,24	97,91	96,87	100,11	99,85	99,22
ART.PAPEL E PAPELÃO	127,62	128,65	123,15	91,56	84,11	78,90	98,44	96,00	93,46	101,14	99,38	97,08
PNEUMATICOS	148,67	135,70	145,47	103,35	86,21	92,43	116,09	110,63	107,82	109,99	107,24	105,85
REFINO DE PETROLEO	111,50	112,92	106,13	105,02	91,08	81,68	108,99	105,98	102,35	104,25	103,02	100,78
PETROQUIMICA	140,28	150,20	130,27	93,33	97,23	80,74	100,29	99,80	97,08	95,94	96,38	94,82
RESINAS,FIBRAS E ELAST	142,01	155,85	149,48	83,62	87,75	86,07	100,67	98,47	96,70	103,96	101,62	99,52
PIGMENTOS E TINTAS	137,50	141,49	149,11	88,75	80,58	91,19	101,33	97,51	96,58	109,92	106,25	105,83
ADUBOS E FERTILIZANTES	72,83	90,97	105,90	89,36	91,72	88,36	98,65	97,11	95,27	100,90	100,16	97,99
LAMINADOS PLASTICOS	125,13	126,64	127,27	94,01	82,41	85,93	92,69	90,91	90,20	92,45	91,06	90,72
FIAÇ.E TECEL.TEXT.NAT.	93,11	97,59	95,55	93,59	90,33	87,69	97,35	96,17	94,94	93,50	93,06	92,74
FIAÇ.E TECEL.TEXT.ART.	97,43	102,02	103,88	87,67	80,98	82,88	92,43	90,42	89,30	95,26	92,82	91,07
CALÇADOS	69,81	78,65	73,93	86,93	87,05	82,37	89,16	88,80	87,86	89,09	88,73	88,58
MOAGEM DE TRIGO	112,24	123,29	118,39	92,12	92,65	82,31	97,80	96,98	94,83	98,39	97,85	96,07
ABATE E PREP.DE CARNE	106,30	106,79	91,82	106,05	108,86	105,44	100,50	101,72	102,15	101,05	101,08	101,81
ABATE E PREPAR.DE AVES	189,88	199,24	183,66	115,71	108,58	101,19	110,20	109,95	108,77	111,56	110,83	109,73
LATICINIOS	101,07	98,09	93,50	104,46	98,65	95,95	98,96	98,92	98,60	94,87	94,91	95,40
USINAS DE AÇUCAR	145,18	167,57	182,83	110,64	103,16	103,66	84,19	89,98	93,39	105,76	103,85	101,96
REFINO DE AÇUCAR	90,80	103,48	108,48	120,95	149,19	141,15	103,26	108,61	112,33	101,84	107,09	111,14
REF.OLEOS,GORD.P/ALIM.	108,66	106,41	108,78	95,47	86,96	86,38	99,63	97,58	95,98	101,19	99,59	96,44
PREP.ALIMENT.P/ANIMAIS	114,12	121,31	115,93	104,10	96,38	90,41	102,72	101,65	100,00	104,74	103,35	101,63
CERVEJA,CHOPE E MALTE	117,58	120,58	110,04	76,33	71,99	66,58	83,91	82,12	80,11	95,70	91,87	88,36
REFRIGERANTES	109,24	110,41	97,78	75,28	76,49	63,08	86,22	84,88	82,07	94,29	91,72	87,97

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

29/10/92 PAG 14

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS DE INDUSTRIA - BRASIL
 INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE)
 BASE : MEDIA DE 1981 = 100

PONDERAÇÃO CI-80 COM AJUSTAMENTO SAZONAL

ANO: 1991

CLASSES E GENEROS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
INDUSTRIA GERAL	104.20	101.67	105.89	118.76	116.88	116.41	116.99	114.77	110.23	112.19	110.43	101.20
EXTRATIVA MINERAL	199.72	197.53	190.61	206.09	208.83	207.95	204.40	198.55	157.90	210.54	206.30	197.85
IND. TRANSFORMAÇÃO	101.31	98.78	103.33	116.13	114.10	113.64	114.35	112.24	108.79	109.22	107.54	98.27
MIN. NÃO METALICOS	81.29	81.97	90.64	97.25	99.99	98.37	98.79	96.72	97.84	98.02	96.54	91.22
METALURGICA	101.16	104.14	109.31	121.40	119.60	118.00	119.18	118.07	117.21	114.85	112.97	108.92
METALURGICA BASICA	108.51	108.38	111.39	120.85	122.37	120.56	119.83	118.48	117.49	113.65	111.93	104.64
OUTROS PROD. METALUR	89.39	97.37	105.97	122.28	115.17	113.90	118.14	117.40	116.75	116.76	114.63	115.76
MECANICA	81.71	79.40	82.66	87.08	88.05	89.11	87.44	83.19	81.74	82.18	83.40	72.10
MAT. ELETRICO E COM	108.25	102.29	115.56	139.20	127.22	133.08	134.69	130.74	127.85	124.38	120.52	84.29
MAT. TRANSPORTE	89.85	76.93	91.04	90.68	95.00	105.02	109.30	99.04	99.79	102.27	95.64	85.49
AUTOVEICULOS	101.70	81.39	101.71	98.68	104.60	119.68	125.97	109.86	113.08	117.15	107.64	94.61
OUTROS PROD. TRANSP.	66.45	68.12	69.98	74.87	76.04	76.09	76.39	77.67	73.55	72.90	71.95	67.48
PAPEL E PAPELÃO	132.45	130.75	145.39	149.74	152.23	152.57	151.62	149.55	150.31	147.96	146.19	142.27
BORRACHA	118.70	103.39	89.61	152.80	139.98	134.61	143.26	136.87	134.38	135.14	131.76	131.11
QUIMICA	117.54	115.63	102.04	129.93	129.80	128.31	127.76	129.02	112.44	125.81	126.00	124.14
PETROQ. REF/DEST. CAR	115.78	109.43	72.45	129.49	119.99	116.56	122.52	125.54	86.11	119.46	124.71	127.75
OUTROS PROD. QUIM.	118.68	119.69	121.48	130.21	136.25	136.02	131.20	131.31	129.72	129.98	126.85	121.75
FARMACEUTICA	106.06	95.82	106.99	125.98	118.32	108.11	117.97	115.99	114.75	111.49	113.74	93.02
PERF. SABÕES, VELAS	151.19	164.04	175.75	199.83	168.55	168.20	169.39	165.71	173.39	164.23	157.62	118.35
PROD. MAT. PLASTICAS	110.51	97.11	122.99	134.41	126.64	118.50	118.35	114.78	115.73	111.27	108.37	104.38
TEXTIL	80.66	87.67	96.91	105.98	100.63	99.00	99.17	96.76	93.69	90.97	88.65	73.29
VEST. CALÇ. ART. TEC.	64.82	62.07	72.40	76.25	72.23	69.74	69.15	68.00	66.51	65.13	62.58	52.19
PROD. ALIMENTARES	114.73	111.53	116.01	121.43	124.89	119.79	119.15	119.96	117.80	112.22	111.94	108.76
BEBIDAS	150.10	146.69	150.36	177.16	156.18	162.29	166.58	162.66	161.32	155.70	146.33	143.15
FUMO	157.70	147.41	137.28	158.07	123.67	116.92	125.43	140.88	157.10	137.03	137.88	113.62



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS DE INDUSTRIA - BRASIL
INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE)
BASE : MEDIA DE 1981 = 100

PONDERAÇÃO CI-80 COM AJUSTAMENTO SAZONAL

ANO: 1992

CLASSES E GENEROS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
INDUSTRIA GERAL	103.25	110.77	108.85	108.29	106.99	105.44	103.29	101.38				
EXTRATIVA MINERAL	201.43	203.11	196.31	196.95	196.21	196.52	198.77	199.05				
IND. TRANSFORMAÇÃO	100.28	107.98	106.20	105.61	104.30	102.69	100.41	98.43				
MIN. NÃO METALICOS	86.29	92.63	92.58	86.76	87.78	81.94	82.30	81.61				
METALURGICA	110.21	117.29	115.64	114.95	115.10	114.46	110.82	109.26				
METALURGICA BASICA	110.67	115.98	118.93	118.41	120.87	119.44	116.75	115.25				
OUTROS PROD. METALUR	109.47	119.36	110.37	109.41	105.88	106.49	101.32	99.67				
MECANICA	82.52	84.78	80.86	78.32	77.75	70.50	68.66	69.36				
MAT. ELETRICO E COM	98.04	108.15	99.49	94.66	94.16	96.77	91.84	92.83				
MAT. TRANSPORTE	75.56	97.97	84.75	107.68	112.20	102.00	97.79	89.37				
AUTOVEICULOS	83.08	106.30	93.04	126.95	132.40	115.86	111.61	101.33				
OUTROS PROD. TRANSP.	60.71	81.53	68.37	69.65	72.30	74.63	70.50	65.77				
PAPEL E PAPELÃO	144.76	145.97	147.24	144.19	146.51	139.61	139.73	134.36				
BORRACHA	113.79	142.64	155.63	142.55	138.48	133.78	121.89	122.94				
QUIMICA	121.25	123.27	126.50	125.07	111.15	121.35	120.21	116.98				
PETROQ. REF/DEST. CAR	119.45	121.41	125.25	123.07	105.26	118.17	112.46	105.39				
OUTROS PROD. QUIM.	122.43	124.48	127.32	126.38	115.01	123.43	125.30	124.58				
FARMACEUTICA	87.46	113.62	111.66	108.80	109.95	95.62	92.65	86.55				
PERF. SABÕES, VELAS	172.15	197.52	173.47	173.63	161.33	145.66	138.98	147.48				
PROD. MAT. PLASTICAS	105.35	105.85	109.67	106.11	105.09	98.34	96.74	93.42				
TEXTIL	80.18	94.23	94.94	94.29	91.55	88.33	85.08	84.58				
VEST. CALÇ, ART. TEC.	54.72	63.30	58.83	58.32	56.69	55.73	55.69	54.78				
PROD. ALIMENTARES	109.96	114.09	115.94	111.96	118.18	118.92	118.18	116.91				
BEBIDAS	141.17	138.11	139.92	118.84	140.74	124.78	121.10	118.71				
FUMO	145.55	146.88	147.09	151.90	153.48	153.64	151.84	143.88				



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIAS DE USO - BRASIL
INDICE DE BASE FIXA (NUMERO-INDICE)
BASE: MÉDIA DE 1981 = 100

PONDERAÇÃO CI-80 COM AJUSTE SAZONAL

ANO: 1991

C A T E G O R I A S D E U S O	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
BENS DE CAPITAL	76.63	74.39	76.46	82.36	82.49	85.79	84.04	78.57	76.07	85.51	76.03	68.00
BENS INTERMEDIARIOS	113.87	112.41	110.33	126.33	128.50	125.41	125.50	123.49	118.90	121.51	120.08	116.52
BENS DE CONSUMO	107.90	98.52	111.76	124.15	117.83	118.21	119.32	118.15	115.13	113.48	112.84	99.53
CONSUMO DURAVEL	115.85	98.37	127.43	135.88	135.87	146.43	151.58	139.59	142.06	135.75	137.07	106.70
CONSUMO NÃO DURAVEL	106.74	98.82	108.38	121.38	113.00	111.15	113.26	114.09	110.05	108.65	107.29	97.97

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA

PONDERAÇÃO CI-80 COM AJUSTE SAZONAL

ANO: 1992

C A T E G O R I A S D E U S O	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
BENS DE CAPITAL	63.87	73.14	72.93	72.93	71.62	69.26	66.35	64.57				
BENS INTERMEDIARIOS	117.01	120.35	120.83	120.40	121.26	119.04	115.54	114.11				
BENS DE CONSUMO	101.76	111.77	109.16	105.15	104.39	103.27	101.11	99.86				
CONSUMO DURAVEL	104.91	129.03	112.85	111.40	120.93	116.47	113.02	108.70				
CONSUMO NÃO DURAVEL	102.48	108.05	108.17	103.48	99.83	99.56	99.09	98.21				

FONTE: IBGE/DPE/DEPARTAMENTO DE INDUSTRIA